

A VISITA DE OLAVO BILAC AO RIO GRANDE DO SUL E A IMPLANTAÇÃO DO PROGRAMA NACIONALISTA ENTRE OS INTELECTUAIS GAÚCHOS

THE VISIT OF OLAVO BILAC TO RIO GRANDE DO SUL AND THE SPREADING OF THE NATIONALISTIC PROGRAM AMONGST GAUCHOS INTELLECTUALS

Jefferson Teles Martins¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo mostrar as transformações no sistema intelectual brasileiro no contexto da Primeira Guerra Mundial e o alinhamento da elite intelectual a uma agenda nacionalista. Para isto, primeiramente, narra a visita de Olavo Bilac ao Rio Grande do Sul em 1916 durante a sua Campanha Nacionalista com o propósito de defender a criação da *Liga de Defesa Nacional* e apresentar à elite intelectual local o programa nacionalista que deveria ser o núcleo das produções intelectuais com vistas à educação cívica e patriótica da população. Em seguida, mostra a eficácia e penetração daquelas ideias através de dois exemplos de intelectuais locais que se articularam ao programa nacionalista, a saber, Fernando Luís Osório e Jorge Salis Goulart.

Palavras-chave: Nacionalismo. Olavo Bilac. Intelectuais. Rio Grande do Sul.

ABSTRACT

This article aims to show the changes in the Brazilian intellectual field around the First World War and the alignment of intellectuals to the new nationalistic agenda. In order to do that, first, narres the visit of Olavo Bilac to Rio Grande do Sul in 1916 during his Nationalistic Campaign. The Olavo Bilac's purpose was to defend the foundation of a regional committee of the National Defense League and present to local intellectual elite the nationalistic program and ideas that should be the center of intellectual productions aiming the civic and patriotic education of population. Second, shows the efficiency and spreading of those ideas through the example of two intellectuals who at some point embraced the nationalistic program: Fernando Luís Osório and Jorge Salis Goulart.

Keywords: Nationalism. Olavo Bilac. intellectuals. Rio Grande do Sul

A Primeira Guerra Mundial provocou profundas mudanças no pensamento intelectual brasileiro da época. A Europa era vista como o modelo de civilização a ser seguido, mas a partir daquele momento as sociedades europeias passaram a ser criticadas e avaliadas como sociedades velhas e ultrapassadas, o que abriu espaço para a valorização dos caracteres nacio-

1 Doutor em História pela PUCRS.

nais, vistos, a partir de então, como o novo e o futuro, cheios de possibilidades para um brilhante devir. No Brasil, o contexto externo de crise gerou a oportunidade para o advento do “novo nacionalismo”², que teve como resultado concreto a criação da Liga de Defesa Nacional, cuja vanguarda foi assumida por intelectuais como Olavo Bilac e Coelho Neto (SKIDMORE, 1976).

Internamente, a crise de hegemonia por que passava o pacto oligárquico, que deu os primeiros sinais de fissura na Campanha Civilista (1910), também ajudou a criar as condições para que ocorresse a reconversão de intelectuais para questões políticas e sociais. Sabe-se que depois da entusiástica adesão dos intelectuais à campanha republicana seguiu-se uma rápida desilusão com o novo regime implantado. Os intelectuais, desgostosos com a experiência republicana, optaram por uma distância relativa da política³, vivenciando apenas a “república das letras” em cafés, salões e livrarias (VELLOSO, 1996; GOMES, 1999).

Em meio a este conjunto de transformações, externas e internas, os intelectuais se reinserem no mundo social dos homens de “carne e osso”, tomam posições e ocupam espaços no campo de poder, rompendo com o isolamento relativo que os caracterizou nas primeiras décadas republicanas. Mediante a redefinição do seu papel na sociedade, os intelectuais passaram a ocupar (ou reivindicar) a posição de porta-vozes e vanguarda dentro de um programa nacionalista que tinha como missão criar a Nação. Esse movimento teve efeitos estruturantes na esfera intelectual brasileira como a transformação no sentido e no papel dos intelectuais na sociedade (SKIDMORE, 1976; VELLOSO, 1993; PECAUT, 1990).

O movimento nacionalista do primeiro pós-guerra instaurou uma agenda intelectual a ser seguida por artistas e homens de letras em geral, na qual figurava como prioridade o estabelecimento de uma identidade nacional, mas também afetou os próprios critérios de reconhecimento e legitimação intelectual. As produções da literatura e da arte deveriam, a partir de então, ter uma função social e didática para serem aceitas como legítimas: ensinar ao cidadão o amor à pátria. Os intelectuais se auto investiram da condição de portadores da identidade nacional (PECAUT, 1990; VELLOSO, 1993).

2 Esta expressão “novo nacionalismo” não faz parte do vocabulário dos coetâneos, mas é empregada por Thomas Skidmore para designar o movimento nacionalista surgido no contexto da Primeira Guerra Mundial, que alterou a relação dos homens de letras no Brasil com a política e a sociedade e, também, o papel da intelectualidade na sociedade (SKIDMORE, 1976).

3 Este quadro deve ser matizado pela ideia de que os intelectuais, nesse período dos primeiros anos da República, continuaram atuando no campo político, mas de maneira subreptícia (SILVEIRA, 2015, p. 133, 134).

Segundo o diagnóstico de Olavo Bilac, o país passava por uma crise moral devido à falta de solidariedade nacional que podia ter como consequência o esfacelamento da nação. Como solução para este diagnóstico defendia dois caminhos: a educação cívica e o serviço militar obrigatório. Conforme Bilac:

Quero e sempre quis a instrução e a defesa do país pelos livros e pelas armas. Quero a escola dentro do quartel e o quartel dentro da escola. A segurança das pátrias depende da inteligência e da força: o estudo defendendo a civilização e a disciplina defendendo o estudo (Olavo Bilac apud RANQUETAT Jr., 2011, p. 11).

As bordas do sistema intelectual brasileiro não ficaram infensas a estas transformações tanto nos padrões de legitimação da esfera intelectual quanto no papel dos homens de letras. Para estabelecer um campo do pensável, ou seja, uma problemática legítima e uma nova agenda intelectual, em 1916, Olavo Bilac esteve durante mais de trinta dias no Rio Grande do Sul, dos quais 14 foram gastos em Porto Alegre. Desde a despedida no Rio, a visita de Bilac foi revestida de caráter oficial, contando com a presença do representante do presidente da República, o General José Caetano de Faria (Ministro da Guerra), também o deputado federal do Partido Republicano Rio-grandense Joaquim Osório e o presidente do Banco do Brasil, Homero Batista.⁴

Olavo Bilac chegou a Porto Alegre no domingo de 1º de outubro de 1916. Foi recebido com honras civis e militares. Sua chegada que já era aguardada com ansiedade e vasta divulgação pela imprensa local, causou verdadeiro *frenesi* na sociedade porto-alegrense. Durante os 14 dias que se seguiram cumpriu extensa agenda de visitas, desfiles, bailes, festivais, conferências e solenidades na capital sul-rio-grandense. O jornal *O Diário* estampou o editorial de boas-vindas ao poeta:

Porto Alegre tem a honra de hospedar Olavo Bilac, a mais pura glória das letras brasileiras, o mais nosso dentre os poetas nacionais. “O Diário” presta a sua homenagem ao grande poeta e ao brasileiro ilustre que depois de ter engrandecido a pátria com o seu estro, empreende, neste momento a mais bela e desinteressada campanha do nosso reerguimento moral como povo e como nacionalidade. A Êsquilo

4 Joaquim Osório e Homero Batista foram sócios correspondentes no quadro de fundadores do IHGRGS.

concedera a Grécia o prêmio de dirigir um exército como recompensa de haver magnificado com as suas tragédias. Que o Brasil, nessa jornada, se deixe guiar pelo maior dos seus poetas.⁵

Para encontrá-lo uma comissão central, formada por altas autoridades da capital⁶ e acompanhada da banda de música do 2º Batalhão da Infantaria da Brigada Militar, foi ao seu encontro no rebocador Júlio de Castilhos. As homenagens começaram quando Olavo Bilac passou do Mercedes – embarcação que o trouxe do porto de Rio Grande pela Lagoa dos Patos – para bordo do Júlio de Castilhos. Foi apresentado a todos pelo colega da Academia Brasileira de Letras, Alcides Maia. Porto Alegre teve sua rotina alterada durante a estada do poeta. O trecho a seguir, que relata o desembarque de Olavo Bilac e sua locomoção ao Grande Hotel, onde hospedou-se, serve para ilustrar a concorrência das multidões para ver de perto o famoso poeta:

O festejado poeta desembarcou ladeado pelo dr. Zeferino Ribeiro⁷, representante do general Salvador Pinheiro Machado, vice-presidente do estado em exercício, e pelo dr. Montauray Leitão, intendente municipal.

Na plancha foi o ilustre hóspede recebido pelos generais Pinheiro de Bittencourt⁸ e Ildefonso Pires de Moraes Castro, que lhe apresentaram as boas-vindas.

O povo abriu, depois em alas, e o excelso autor dos “Amores da Aranha” começou a andar por entre aquela multidão que o aclamava delirantemente, enquanto as bandas de música executavam a sinfonia do Guarany.

O percurso do Cais à praça Senador Florêncio foi feito em 15 minutos, em consequência da dificuldade que a grande massa opunha ao trânsito.

Bilac, acompanhado pelo mundo oficial, chegou ao Grande Hotel às 11 horas e 40 minutos.

Alguns instantes após, chegava à sacada do primeiro andar tendo à direita o general Pinheiro de Bittencourt e à esquer-

5 O *Diário*, Porto Alegre, 1 de outubro de 1916.

6 Coronel Marques Guimarães, drs. Aurélio Py, Fabio Barros, Franklin Pessoa, Germano Petersen Junior, Alcides Maia, Emilio Kemp, Monsenhor Mariano da Rocha, Zeferino Brasil, Benjamim Flores e outros. Mais as comissões das Escolas Superiores: Faculdade de Direito, Escola de Comércio, Faculdade de Medicina e Escola de Engenharia (Jornal *O Diário*, 2 de outubro de 1916, Porto Alegre. Museu da Comunicação José Hipólito da Costa).

7 Futuro membro do IHGRGS.

8 Comandante da região militar.

da Alcides Maia.⁹

No primeiro dia da estada de Bilac em Porto Alegre, um dos novos escritores que era considerado um de mais largo futuro entre os da sua geração no Rio Grande do Sul, Mansueto Bernardi, foi convidado a recitar, no Palácio Municipal, o poema *Exaltação* (1916) que mandara imprimir em edição especial comemorativa da visita de Olavo Bilac. O poeta da Liga de Defesa Nacional disse às autoridades sul-rio-grandenses reunidas na sua recepção na Intendência Municipal naquela primeira noite:

Rio-grandenses, mais do que nunca o Brasil precisa hoje de vós e confia em vós! Já sendo crentes, sede apóstolos! Já sendo soldados, sede instrutores! Heróis, filhos de netos de heróis, criai novas legiões de heróis! E continuai, aumentai, multiplicai infinitamente o vosso heroísmo, em favor da unidade, da força, da defesa, da paz e da glória do Brasil!¹⁰

Todos os passos de Olavo Bilac em Porto Alegre foram registrados nos jornais da época pelos jornalistas que o acompanhavam para onde quer que fosse. Em todos os eventos dos quais participou, o “eminente poeta” atraiu “multidões” e a “concorrência do que de mais fino em Porto Alegre”, e a cada discurso arrancava “verdadeiras ovações” de suas assistências.¹¹

O objetivo de Olavo Bilac era falar da finalidade da Liga de Defesa Nacional e da necessidade da incorporação da ideia do nacionalismo pelos patricios do Rio Grande do Sul e, em especial, pelos intelectuais locais. Assim, em seu quarto dia na capital do estado, foi recepcionado solenemente pela Academia de Letras do Rio Grande do Sul, que era presidida pelo Monsenhor Mariano da Rocha, no Theatro São Pedro.¹² Em seu discurso, “perante uma assistência numerosíssima e seleta”, Olavo Bilac enalteceu o nacionalismo literário dos homens de letras do sul declarando: “não vim aqui pregar o patriotismo e o civismo, que já aprendestes em dois séculos de valor”. Seguiu:

9 O *Diário*, 3 de outubro de 1916, Porto Alegre, p. 4. Museu da Comunicação José Hipólito da Costa.

10 O *Diário*, Porto Alegre, 2 de outubro de 1916, p. 1. Museu da Comunicação José Hipólito da Costa.

11 O *Diário*, Porto Alegre, 5 de outubro de 1916, p. 5. Museu da Comunicação José Hipólito da Costa.

12 Entre os membros da Academia de Letras do Rio Grande do Sul estavam Mariano da Rocha, Aquiles Porto Alegre, João Pinto da Silva, Alcides Maia, José Paulo Ribeiro, João Maia, Lindolfo Collor, Otávio de Faria, Tancredo Fernandes de Melo, Manuel Joaquim de Faria Correa, todos futuros fundadores do IHGRGS.

A literatura que aqui praticais é boa literatura. Todos os vossos livros que já li, trazem a luz e o aroma do vosso ar e dos vossos campos. A vossa história e os vossos costumes, a alma da vossa terra e da vossa gente, poesia da natureza e poesia do povo, vivem nas páginas que tendes imaginado e publicado. É o melhor louvor que vos posso dar. **Exalço e abençoo o vosso nacionalismo literário.** Não vos contaminei o vício da arte dissolvente, em que pontificam distribuidores de palavras ocas, professando que o talento pode reinar sem o patriotismo, como sem a moral. Homens de letras, sois os mesmos homens simples, amigos da vossa gente, e cidadãos na vida corriqueira e na vida da arte, cidadãos entre os vossos filhos e entre os vossos livros, nos lares que fundastes com vosso afeto e nas obras de ficção que aparelhastes com a vossa inteligência.

Se agradecendo as boas palavras de animação que me dirigistes, venho entreter-vos de assunto que não de pura técnica literária, é porque sei que **a vossa literatura é fruto e flor do vosso patriotismo.** E sei também que o vosso povo vos escuta com carinho e vos lê com confiança... **Dizei-lhe, senhores, que ele deve, como vós, persistir no seu culto regionalista, amando o seu torrão, e cada vez mais se integrando no culto nacionalista, na adoração da unidade da Pátria.** E dizei-lhe que, para os povos dignos, como para os homens nobres, a mais bela virtude é a do desinteresse. [...] A vossa literatura é uma força. Já a aproveitastes para a coesão e consciência dos rio-grandenses: coligindo e catalogando as lendas do povo, os contos singelos e as ingênuas trovas dos vossos campinos, e depois, com o vosso talento e a vossa cultura, estabelecendo em romances e poemas os vários aspectos do trabalho, das lutas, do amor, do entusiasmo de toda a vida da população – de certo modo criastes a existência moral da sociedade em que viveis, porque a fixastes em beleza artística. **Deveis agora aproveitar esta força para uma multiplicação de coesão e consciência – para o trabalho da unidade da Pátria. Professai e pregai, em todas as páginas que escreverdes, este princípio: a riqueza, o progresso, a ventura de cada um dos fatores da federação não devem ser unicamente inventados e aumentados para o engrandecimento próprio, mas para o engrandecimento do Brasil** (grifos meus).¹³

Esta longa transcrição de trechos do discurso de Olavo Bilac é

13 O *Diário*, Porto Alegre, 5 de outubro de 1916, p. 5.

elucidativa sobre como o programa nacionalista foi apresentado aos intelectuais locais. Na verdade Bilac estava estabelecendo a agenda a ser seguida pelos intelectuais sul-rio-grandenses que deveria ter o nacionalismo como núcleo e cumprir o dever patriótico.

Um importante desdobramento desse movimento foi o surgimento entre os intelectuais gaúchos, nos anos 1920, de um novo regionalismo que se expressava como missão política, cujo escopo era a integração regional ao quadro nacional e, também, a defesa da “autoridade moral” do Rio Grande para exercer a liderança política nacional.

Do ponto de vista historiográfico, foi fecunda a visitação de Olavo Bilac. A criação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul se deu nesse contexto, quando ainda se ouviam os ecos da pregação nacionalista de Olavo Bilac. Os historiadores que criaram o IHGRGS tomaram para si a missão de reformular os atributos regionais através da disciplinarização da memória e da identidade regional para o Rio Grande do Sul, articulando-a com a identidade nacional. O regionalismo foi colocado a serviço do nacionalismo, associado à missão política de alçar o Rio Grande ao centro do poder nacional, pois, para que o Rio Grande estivesse apto a assumir a liderança nacional, não poderiam restar dúvidas sobre a brasilidade dos gaúchos. A relação entre região e nação, parte e todo como núcleo de reflexão dos historiadores rio-grandenses na produção historiográfica local, foi assumida para resolver as dificuldades de integração entre a parte e o todo. Entre os elementos da identidade regional que criavam dificuldades em harmonizar as identidades regional e nacional, estava a identificação demasiada com o Prata, que deveria ser neutralizada. Tratava-se, de um lado, de um processo de alinhamento da identidade regional à identidade nacional, para acomodar vários interesses em níveis não hierárquicos: o político, o cultural, o econômico; e, de outro, o desenvolvimento institucional e disciplinar da História no estado (GUTFREIND, 1998; NEDEL, 1999; CORADINI, 2003).

A única figura da capital que aparentemente permaneceu indiferente à presença do festejado poeta foi o presidente do estado, Borges de Medeiros. Nos 14 dias em que Bilac esteve em Porto Alegre, o “poeta da Liga” e o líder do Partido Republicano Rio-grandense não se encontraram. Em telegrama publicado no jornal *O Diário*, Bilac lamentou o encontro que não houve. Embora, tenha sido exitoso em sua missão de dar aos intelectuais rio-grandenses a diretriz do nacionalismo à produção intelectual local, quanto ao propósito de fazer propaganda da Liga de Defesa Nacional seu esforço não teve resultados imediatos, já que a seção sul-rio-grandense da Liga de Defesa Nacional só foi criada em São Leopoldo mais de um ano

depois da visita de Bilac, e somente depois da reprimenda do presidente da república ao presidente do estado (GERTZ, 2002, p. 93). Em parte, talvez essa aparente apatia do presidente do estado em relação ao tema deva-se ao fato de que este seguia uma tendência, até aquele momento, de manter certa distância da política nacional em nome da autonomia estadual. Com o tempo, esse posicionamento de Borges de Medeiros de distanciamento dos temas nacionais se altera.

Acompanhado e ciceroneado pelo colega de academia Alcides Maia¹⁴, depois do dia 14 de outubro, Bilac saiu em excursão pelo Rio Grande do Sul, passando pelas cidades de Cachoeira do Sul, Santa Maria, São Gabriel, Santana do Livramento, Bagé, Pelotas e Rio Grande. Pelo interior do estado, a recepção e as homenagens ao poeta continuaram efusivas. Em Santa Maria, por exemplo, a chegada de Bilac parou literalmente a cidade que “fechou o comércio” para recebê-lo. Em Pelotas, Bilac chegou em 1º de novembro para divulgar a pregação nacionalista, sendo recebido com “verdadeira apoteose”, permanecendo até o dia 6 daquele mês. As palavras do “egrégio legionário da Defesa Nacional” aos pelotenses reunidos no *Clube de Tiro 31*, foram lembradas com orgulho pelo historiador de Pelotas, Fernando Luís Osório¹⁵:

Senti cheios de fé os vossos corações, transbordando fervor patriótico, ressoando da música da saúde e da alegria; e admirei encantado, a vossa robustez e o vosso entusiasmo, a vossa bravura e o vosso desinteresse, o belo desempenho, a disciplina e exaltação cívica, congregados em torno do vosso presidente e do vosso instrutor. A simpatia com que me acolheis é a clara demonstração do vivo civismo e do intenso brasileiro que sempre viveram e arderam na fiel, a radiante Pelotas (Bilac apud OSÓRIO, 1918, p. 172).

Também serviu para animar o fervor nacionalista de Fernando Osório, o fato de Bilac, no *Clube de Tiro 31* de Pelotas, ter armado o primeiro

14 A certa altura da turnê, os escritores se separam. No dia 27 de outubro, Alcides Maia chegou a Uruguaiana, seguindo depois para Itaqui. Convidado para proferir conferências em Uruguaiana, no retorno de Itaqui, Maia foi recepcionado na “gare” e cumpriu um vasto programa de festas, bailes, banquetes e até uma “caçada a raposa” que foi promovida pelo Tenente Heitor Mendes Gonçalves e realizada na fazenda do Coronel Martins Carvalho, em homenagem ao “ilustre poeta patricio” (*O Diário*, Porto Alegre, 1 de novembro de 1916, p. 3).

15 Fernando Luís Osório Filho (1886-1939), sociólogo, ensaísta, romancista, conferencista, historiador, poeta e biógrafo. Formado pela Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro. Professor na Faculdade de Direito de Pelotas e no Ginásio Pelotense. Irmão do Deputado Federal Joaquim Luís Osório e sobrinho do chefe republicano Pedro Luís Osório. Membro da Academia Rio-grandense de Letras e do IHGRS (Martins, 1978, p. 413).

escoteiro no dia 5 de novembro de 1916, e, segundo o historiador:

o poeta fez colocar na sala de honra da Liga da Defesa Nacional, no Rio de Janeiro, quadros de propaganda cívica compostos pela direção do Escotismo de Pelotas: significou ‘seu inteiro apoio oficial à patriótica iniciativa (OSÓRIO, 1918, p. 173).

Em 1918, na esteira do movimento nacionalista, foi publicado o livro *O espírito das armas brasileiras*, de autoria de Fernando Osório, no qual o autor dedica seu trabalho à juventude esperando que fosse um recurso útil para “o inocular da conduta cívica na caserna e na escola” (OSÓRIO, 1918, p. 3). No início do livro Osório explica como deveria ser entendida a História do Brasil, à luz do ele chama de “nacionalismo idealista”, inspirado por Sílvio Romero:

A história do Brasil consoante o nacionalismo idealista do eminente crítico (Sílvio Romero), deve ser interpretada no sentido apontado para nossa querida Pátria, que é a missão que tem cabido e caberá na luta pela glória, nos afãs pelo progresso em prol da humanidade – o nosso ideal de conagraçamento e de paz: sonhamos essa missão fulgurante para o Brasil, queremos formar aqui a mansão democrática do conagraçamento, não dos deserdados da Europa somente, mas dos deserdados de todo o mundo, e, pela reunião, pela igualdade de todos, formar o povo do porvir, o tipo novo, que não oriundo de exclusivismo europeu, ou africano, ou asiático, ou americano, o tipo novo que há de ser a mais perfeita encarnação do cosmopolitismo do futuro (OSÓRIO 1918, p. 10).

Para ele, essa orientação nacionalista contribuiria para, no futuro, definir a identidade nacional – o “novo tipo” – que distinguiria a gente brasileira entre outros povos como os primeiros a pôr em prática o “cosmopolitismo do futuro”: “livres dos preconceitos de castas, de raças, de seitas, de famílias, de grupos, de corrilhos”.¹⁶ Todavia, Osório seguia a conhecida “fórmula das três raças” – atualizada pelo cientificismo positivista – ressaltando o caráter auspicioso desse amálgama de povos que ao fim e ao cabo manifestaria o destino do Brasil de constituir-se “num ideal distinto de Pátria”:

16 Idem.

prolongamento da civilização ibérica, dando um tipo novo pela incorporação progressiva aos brancos dos índios, dos negros e dos seus descendentes mestiços, segundo a fórmula inspirada no positivismo de Aníbal Falcão, ou produto sextiário (sic) da evolução, resultante de portugueses, africanos, selvagens, meio físico, ideias europeias, como quer o nacionalismo idealista de Silvio Romero, constituímos, já pelo condicionalismo de meio, já pelos agentes morais, uma unidade à parte no seio dos povos ocidentais. Europeus de alma, presos ao Velho Mundo pela religião e pela cultura moderna, devemos, todavia, acentuar de todos os modos um feitio original, costumes particulares, virtualidade de sentir e formas de pensar que se traduzam, dentro da civilização, num ideal distinto de Pátria (OSÓRIO, 1918, p. 11).

Nesse mesmo livro – *O espírito das armas brasileiras* – Fernando Osório não deixou de lembrar a campanha nacionalista de Olavo Bilac. Retomando o contexto histórico imediato explicou a união de três forças sociais sob a liderança do “poeta construtor de civismo” naquela cruzada:

Em 1915, porém, vibrou um alto chamamento, um toque de alarma a todas as energias adormecidas, um brado que irrompeu não da caserna, mas dos lábios de um iluminado pelo gênio bom da nossa raça, Olavo Bilac, o Poeta construtor de civismo. E, como nos momentos difíceis da nossa história, a Nação se reuniu em torno da gente armada – num grande e belo sonho, dentro do qual, a essa hora de esperança heroica, uniram energias os homens de letras, os militares e a mocidade – a inteligência, a força e o futuro! (OSÓRIO, 1918 p. 223).

Fernando Luís Osório firmou-se como um prestigiado intelectual em sua cidade natal, professor da Faculdade de Direito de Pelotas e, a partir de 1920, membro correspondente fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, e integrava uma ampla e sólida rede de relações sociais, políticas e intelectuais em âmbito local, regional e nacional. Era irmão do deputado federal Joaquim Osório, que fora membro da Comissão de Redação dos Estatutos da Liga de Defesa Nacional e, como já mencionado, estivera presente no momento do embarque de Olavo Bilac do Rio de Janeiro para o Rio Grande do Sul.

Foi nesse momento de propagação das ideias de nacionalismo e de reordenação da esfera intelectual a partir de novos critérios de legitimação alinhados com aquelas ideias que uma nova geração de poetas e aspirantes a escritores surgiu no Rio Grande do Sul com uma missão cultural com for-

te teor nacionalista e voltado para a tomada de ação política (CORADINI, 2003). No final da década de 1920, esses jovens escritores reunidos em torno da figura de Mansueto Bernardi e da Livraria do Globo tiveram participação destacada na Aliança Liberal e na Revolução de 1930. Fez, também, parte desse grupo Jorge Salis Goulart, um jovem poeta que começou sua trajetória intelectual naquele momento. Na ocasião da visita de Olavo Bilac a Pelotas em 1916, Jorge Salis Goulart tinha 17 anos e era aluno do Ginásio Pelotense. Esse educandário recebeu a visita do poeta do nacionalismo e rendeu-lhe homenagens do corpo docente e discente.¹⁷

A cidade de Pelotas, na região sul do Rio Grande do Sul, através dos seus escritores e intelectuais como Fernando Luís Osório e Jorge Salis Goulart dá-nos mostras do quanto estas ideias penetraram o pensamento da época. Cidade de forte tradição artística e intelectual, que já havia sido o núcleo da vida artística e cultural do estado, quando gozava da condição de principal polo econômico da província nos tempos do Império, mas que nunca perdera o interesse pelas atividades literárias e continuava a fornecer escritores e produções intelectuais e artísticas.

Jorge Salis Goulart era afilhado político e intelectual de Fernando Luís Osório. A tradicional família Osório de Pelotas fazia parte da rede de sociabilidades fundamental de Jorge Salis Goulart, a qual era acionada em muitos momentos pelo jovem escritor para conseguir favores no campo político e intelectual.¹⁸

Em 1922, Salis Goulart escreveu uma crítica sobre o novo livro de Fernando Osório chamado *A cidade de Pelotas: Corpo, Coração e Razão*, uma obra de visão organicista da sociedade, com laivos poéticos e repleta de apelos patrióticos. Em sua crítica Salis acerta na avaliação do “padrinho” pelotense, situando-o como produto do contexto nacionalista da época:

Filho do momento é ainda o Dr. Fernando Osório. Na verdade ele é um dos tantos que tem surgido dessa alevantada campanha do nacionalismo, que com sua seiva eficiente percorre o nosso organismo social de sul a norte.¹⁹

17 O *Diário*, Porto Alegre, 4 de novembro de 1916, p. 3. Artigo consultado no fundo Jorge Salis Goulart no IHGRGS.

18 Exemplos disso são a nomeação de Jorge Salis Goulart como jornalista correspondente de *A Federação*, órgão do partido republicano rio-grandense, a partir da indicação do chefe republicano Pedro Osório (Autor, 2011, p. 70); e, também, a indicação do nome de Salis Goulart para compor o quadro de membros do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul que foi feita pelos sócios fundadores Joaquim Osório e Fernando Luís Osório (MARTINS, 2015, p. 201-202).

19 Este artigo da revista *Ilustração Pelotense* se encontra no Arquivo Jorge Salis Goulart no RIHGRGS, Porto Alegre, n. 152, p. 53-68, julho de 2017.

O trecho acima revela que Salis Goulart conseguiu fazer uma análise do seu próprio contexto imediato e, portanto, estava consciente do papel e alcance da ideologia nacionalista no mundo das letras. Na sequência do texto, Salis deixa entrever que o sentido atribuído ao nacionalismo em 1922 era distinto daquele pregado por Olavo Bilac quando em sua visita a Pelotas, em 1916. Quando Bilac fez a sua campanha nacionalista, vivia-se o contexto da Grande Guerra, no qual a questão nacional estava diretamente ligada à postura do Brasil frente ao conflito bélico internacional, portanto o apelo às armas fazia todo sentido ao se falar em patriotismo. Em 1922, o contexto é outro. É um período de paz e comemorações cívicas pelo centenário da Independência do Brasil. Portanto, na sua leitura do nacionalismo Salis expressa críticas ao nacionalismo das armas:

[...] nacionalismo compreendido num sentido amplo e não somente no daqueles que pensam que ser nacionalista é pôr uma carabina no ombro ou dar um plantão à porta de uma companhia do quartel, [mas] abrangendo a regeneração dos nossos costumes, de nossa moralidade, combatendo o egoísmo, a hipocrisia, a deslealdade, tendo por norma a nossa probidade administrativa e a nossa instrução, que penetra no fundo das casernas a fim de que a mocidade brasileira ali encontre mais incentivos para amar a Pátria, mais equidade, mais ideais e menos rudeza, que afugentou das almas todos os estímulos elevados, penetrados por um sopro seco do deserto, pela brutalidade do materialismo absorvente [...].²⁰

Numa perspectiva mais geral, no que diz respeito ao sentido e qualidade da obra, o critério utilizado por Salis na avaliação demonstra a permanência dos critérios de legitimação intelectual instituídos ao tempo da pregação nacionalista de Olavo Bilac. Salis ressalta a qualidade poética e o patriotismo de Fernando Osório expresso no texto para reconhecer o valor intelectual da obra. Em outras palavras, confirma que o livro de Osório corresponde ao padrão de legitimidade intelectual vigente na época:

E ainda é mais importante notar que o dr. Fernando conserva a mesma alma de *patriota entusiasta* e de idealista ardoroso, de verdadeiro *poeta da história*, que ele faz amar e admirar através da sua palavra incendiada e dos seu estilo fluente. [...] essa qualidade poética, longe de prejudicar

IHGRGS, livro n.1, p. 288.

²⁰ Idem.

a perfeição da obra, é no entanto muito importante, sendo mesmo um *fator de utilidade social* (grifo meu).²¹

Salis termina o seu artigo na *Ilustração Pelotense* sugerindo que o livro *A cidade de Pelotas* “editado em menores proporções e redigido em estilo muito simples, fosse adaptado nos colégios de Pelotas a fim de que os futuros cidadãos se educassem no amor a terra natal [...]”. Isto ilustra mais uma vez o entendimento prevalente do papel pedagógico do intelectual cuja função era guiar a sociedade à consciência patriótica.

Dois anos depois, em 1924, Salis publica o seu *Colheitas de Ouro*, onde na introdução faz uma profissão de fé para o artista em que exalta os valores patrióticos e defende a vocação artística e intelectual como a obrigação de servir à Pátria e seu futuro:

O Brasil vive mais para o seu maravilhoso futuro do que para seu diminuto passado. [...] O artista, nesse movimento glorioso do nacionalismo pátrio, deve ir à frente, iluminando o caminho com o brandão aceso da sua inspiração privilegiada. [...] Idealizar essa terra fecunda, ensinar o brasileiro a amá-la, é o dever do verdadeiro artista patriota, não se compreendendo o patriotismo apenas na acepção restrita de quem passa um ano entocado à sombra da caserna. [...] Julgamos que, nesse ponto, o artista desempenharia uma nobre missão cantando a beleza da terra... é o que tentei fazer no livro ora lançado. Se não consegui realizar o meu intento, releve-se-me a ousadia, pelo muito amor votado por mim a esta grande Pátria (GOULART, 1924, p. 5,7,8).

Vê-se, assim, o alinhamento de Fernando Luís Osório e Jorge Salis Goulart ao ideário nacionalista e, também, a adoção dos parâmetros que definiam o que era a função do intelectual brasileiro na voga do nacionalismo pós-Primeira Guerra. Vale frisar a profundidade e o alcance da pregação de Olavo Bilac, pois estes dois intelectuais analisados – Osório e Salis Goulart – residiam no ponto mais extremo do sul do Brasil. Revelando (e para utilizar a linguagem de Salis Goulart) que a “seiva” do nacionalismo pregado por Bilac produziu seus frutos de norte a sul.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de (re)formulação de uma identidade para o Rio Grande do Sul, nos anos 1920, pode ser vinculado em um contexto ampliado, dentro

21 Idem.

do movimento intelectual que após a Primeira Guerra tornou-se marcadamente nacionalista à medida que as expectativas de um futuro melhor para o Brasil voltaram-se para a necessidade de construir a identidade nacional.

A visita de Olavo Bilac teve, nesse sentido, um importante papel, pois representou o momento de alinhamento do pensamento dos homens de letras do Rio Grande do Sul à agenda nacional. O culto regionalista é colocado ao serviço do programa nacionalista. Isto não significa dizer que antes de 1916 a produção intelectual local fosse antinacional, mas não tinha a preocupação de afirmar-se nacional. Praticava-se, até então, uma espécie de “federalismo literário” que permitia a preservação (e culto) ao tipo e às paisagens locais, e, mesmo sem ter veleidades separatistas, não se preocupava com a inclusão do sul-rio-grandense no quadro da nacionalidade.

No âmbito regional, o nacionalismo se desdobrou em um “novo regionalismo” que se apresentava como missão política. Como questão local, se colocou a busca de reconhecimento e espaços – políticos e intelectuais – para o Rio Grande do Sul nos centros de poder do país. Este reconhecimento implicava aos intelectuais gaúchos a integração ao sistema intelectual nacional rompendo com o “isolamento da província”, através da adoção da agenda intelectual ditada por agentes e instâncias centrais do universo intelectual brasileiro.

A análise parcial do itinerário intelectual de Fernando Luís Osório e Jorge Salis Goulart, naquele momento histórico, mostra como se deu a adesão (ou conversão) ao programa nacionalista entre os intelectuais locais, bem como o alinhamento aos critérios de legitimação da produção artística e intelectual então vigentes que colocavam como dever dos artistas e homens de letras o papel didático de ensinar ao povo o “amor à Pátria”.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- CORADINI, O. L. As missões da cultura e da política: confrontos e reconversão das elites culturais e políticas no Rio Grande do Sul (1920-1960). *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 32, 2003, p. 125-144.
- GERTZ, René. *O aviador e o carroceiro: política, etnia e religião no Rio Grande do Sul dos anos 1920*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- GOMES, Ângela de Castro. *Essa Gente do Rio... Modernismo e Nacionalismo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.
- GOULART, Jorge Salis Goulart. *Colheitas de Ouro*. Pelotas: Livraria Universal, 1924.

- _____. Impressões Literárias in: *Ilustração Pelotense* (1922) – Arquivo Jorge Salis Goulart, IHGRGS, livro I.
- GUTFREIND, Ieda. *A Historiografia Rio-Grandense*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1998 [1989, tese original].
- MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/IEL, 1978.
- MARTINS, J. T., *O Pensamento Histórico e Social de Jorge Salis Goulart: uma incursão pelo “campo” intelectual rio-grandense da década de 1920*. Dissertação de mestrado. PUCRS, 2011.
- _____. *O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e o espaço social dos intelectuais: trajetória institucional e estudo das redes de solidariedades (e conflitos) entre intelectuais (1920-1956)*. Tese de doutorado. PUCRS, 2015.
- NEDEL, Letícia. *Paisagens da Província: o regionalismo sul-rio-grandense e o Museu Júlio de Castilhos nos anos cinquenta*. Dissertação de mestrado, UFRJ, 1999.
- O *Diário*, Porto Alegre, 1 de outubro de 1916. Museu da Comunicação José Hipólito da Costa, Porto Alegre.
- O *Diário*, Porto Alegre, 2 de outubro de 1916. Museu da Comunicação José Hipólito da Costa, Porto Alegre.
- O *Diário*, Porto Alegre, 5 de outubro de 1916. Museu da Comunicação José Hipólito da Costa, Porto Alegre.
- O *Diário*, Porto Alegre, 1 de novembro de 1916. Museu da Comunicação José Hipólito da Costa, Porto Alegre.
- O *Diário*, Porto Alegre, 4 de novembro de 1916. Museu da Comunicação José Hipólito da Costa, Porto Alegre.
- OSÓRIO (Filho), Fernando Luís. *O espírito das armas brasileiras: livro da mocidade*. Pelotas (editora não identificada), 1918.
- _____. *A Cidade de Pelotas: corpo, coração e razão*. Porto Alegre: Tip. Diário Popular, 1922.
- PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a Política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo Ática, 1990.
- RANQUETAT JR., César Alberto. A campanha cívica de Olavo Bilac e a criação da Liga de Defesa Nacional. In: *Humanit. Sci., Linguist., Lett. Arts*, Ponta Grossa, 19 (1): 9-17, jan/jun. 2011.
- SILVEIRA, Cássia D. Macedo da. Dom Chimango e a torre de marfim: a literatura de Homero Prates e a política oligárquica da Primeira República

(1890-1927). In: HEINZ, Flavio (org.). *Dos intelectuais na política à política dos intelectuais: pensadores, escritores e militantes no diálogo com o poder*. São Leopoldo: Oikos, 2015.

SKIDMORE, Thomas. *Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

VELLOSO, Monica. A Brasilidade Verde-Amarela: nacionalismo e regionalismo paulista. *Estudos Históricos*, vol. 6, n. 11, 1993.

_____. *Modernismo no Rio de Janeiro: turunas e quixotes*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

Recebido em 15/05/2017

Aprovado em 06/07/2017